



Um catálogo americano: a coleção de Ramusio

An American Catalogue: Ramusio's Collection

Alfredo Cordiviola

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco / Brasil

alfredo.cordiviola@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-3567-5003>

Resumo: Publicados em Veneza em meados do século XVI, os três volumes de *Delle Navigazioni et viaggi*, compilados, traduzidos ao italiano e anotados por Giovanni Battista Ramusio, reúnem em um único monumento bibliográfico um amplo conjunto de crônicas de viagens e de mapas. Mesmo sem ter participação direta nas empresas expansionistas e colonizadoras promovidas nesse século pelos impérios ibéricos, Veneza manteve uma importante relação com esse sistema-mundo que estava surgindo, propiciando o trabalho de cartógrafos, editores, cosmógrafos, tradutores e tratadistas que divulgaram e consolidaram esses conhecimentos sobre terras distantes. A coleção de Ramusio se insere nesse vasto projeto epistemológico; neste artigo pretendo analisar as condições e os antecedentes que possibilitaram a publicação desse inventário de explorações e conquistas ultramarinas, particularmente das relativas ao Novo Mundo, e sua importância na percepção das novas e modernas realidades naturais e culturais que estavam redefinindo o orbe.

Palavras-chave: Ramusio; navegações; Novo Mundo.

Abstract: Published in Venice in the middle of the sixteenth century, the three volumes of *Delle Navigazioni et Viaggi*, compiled, translated into Italian and annotated by Giovanni Battista Ramusio, gather in a single bibliographic monument a wide set of travel chronicles and maps. Even without having direct participation in the expansionist and colonizing projects promoted in that century by the Iberian empires, Venice maintained an important relationship with this world-system that was emerging, providing the work of cartographers, editors, cosmographers, translators and writers

who disseminated and consolidated this knowledge about distant lands. Ramusio's collection is part of this vast epistemological project; in this article I intend to analyze the conditions and antecedents that made possible the publication of this inventory of overseas explorations and achievements, particularly those relating to the New World, and their importance in the perception of new and modern natural and cultural realities that were redefining the orb.

Keywords: Ramusio; navigations; New World.

Nas primeiras décadas do século XVI, menos de quarenta anos depois da primeira navegação de Colombo, o Novo Mundo já contava com formas de designação aceitas e estabelecidas, e com um repositório historiográfico que, munido de diversos instrumentos interpretativos, havia instaurado modos de percepção que seriam aprofundados e alargados nas décadas seguintes. Reivindicando as capacidades indutivas, os valores do testemunho direto e a possibilidade de reformular saberes previamente constituídos, os navegantes, historiadores e cronistas descreviam e definiam a natureza americana a partir das suas próprias capacidades e percepções. Elaboravam, dessa forma, um catálogo sobre as terras e gentes americanas que, apoiado largamente na somatória de experiências pessoais e no manejo dos depoimentos escritos e orais, tornar-se-ia, como era previsível, cada vez mais amplo, enquanto novos fatos eram relatados e novas regiões eram mapeadas e incorporadas à ordem promovida pela ocidentalização do continente.

Em meados do século XVI, uma vasta e representativa parte desse conjunto de documentos seria submetida a uma abrangente sistematização realizada, não por acaso, em uma das cidades de mais perseverante e ativa participação na divulgação das novidades aportadas pelas navegações. Em Veneza, que tinha uma história secular como centro de produção de conhecimentos geográficos, Giovanni Battista Ramusio começava a publicar, em 1550, *Delle Navigazioni et viaggi*, a mais ampla coleção existente, até essa época, de crônicas de viagens relativas às partes orientais e ocidentais do planeta. Formada por três volumes, a coleção dedicava todo seu tomo terceiro, editado em 1556, ao Novo Mundo. Incluía textos muito conhecidos e outros inéditos, relatos elaborados no Novo Mundo e em diversos núcleos ibéricos diretamente vinculados com a expansão atlântica. Reunindo histórias, crônicas, cartas

e relações traduzidas ao italiano com mapas e gravuras ilustrativas das configurações achadas na quarta parte do orbe, esse tomo terceiro das *Navigazioni et viaggi* tinha a particular virtude de unificar entre as capas de um livro um copioso inventário das sucessivas enunciações que tinham transformado e definido as visões europeias do Novo Mundo. Desse modo, o volume oferecia um marco privilegiado tanto para entender a progressiva conformação dos discursos sobre o Novo Mundo quanto para vislumbrar as sucessivas evoluções que viriam a caracterizar esse corpus nas décadas seguintes.

A coleção de Ramusio permite, assim, diagramar as formas desse corpus, e as diversas tipologias e círculos que o compõem. São relatos escritos em primeira ou terceira pessoa, no teatro dos acontecimentos ou nos gabinetes europeus, a cargo tanto de protagonistas principais quanto de personagens secundários, tanto de conquistadores e religiosos quanto de letrados que nunca atravessaram o oceano. Soldados, escrivães, testemunhas, compiladores, burocratas imperiais, missionários, humanistas, navegantes estavam entre os autores dessas narrativas. Imbricadas pela urgência de significar e fornecer interpretações válidas, essas fontes documentais constituem, a partir das suas características próprias e dos modelos enunciativos que invocam, as diversas esferas que conformam a figura múltipla e heterogênea do catálogo historiográfico americano. No interior dessa figura atravessada pelo conflito e pela divergência, as esferas se interpelam entre si, em constante rotação em torno desta entidade permeável já definitivamente instituída como Mundo Novo.

Através das páginas das *Navigazioni et viaggi*, podemos retrazar o caminho aberto por aquelas indagações que participantes, observadores e estudiosos da ocidentalização formularam nos diversos cenários em que se escreveu a história americana. Podemos também apreciar não somente a condição e o alcance das respostas oferecidas, mas também os propósitos que guiaram e justificaram essas enunciações. Se considerarmos, por exemplo, o longo primeiro século em que se consolidam as bases do repertório historiográfico americano, é notório que os objetivos que norteiam a escrita da história são claramente diversos e às vezes antagônicos. Contudo, é através dessa junção de objetivos que esse repertório garante sua coesão e se constitui como tal. Enquanto denota, informa e define as visões do Novo Mundo, o corpus

também revela quais são as heteróclitas funções do discurso histórico: afirmar o cristianismo, a glória da monarquia e do Império, reforçar os direitos de conquista, legitimar prerrogativas individuais e coletivas, fornecer *exempla* de bom ou mau governo, denunciar e censurar inimigos, preservar memórias locais, reivindicar direitos perdidos, favorecer a coesão social, registrar as temporalidades da ocidentalização. Matérias e modos de inquirição, tópicas da verdade e funções e utilidades da história são assim os vetores que atravessam e unificam as esferas do corpus, e que tendem a definir os sentidos que iria adquirindo o Novo Mundo.

Delle Navigazioni et viaggi era a maior compilação de narrativas de viagens e crônicas editada até esse momento. Ramusio já tinha publicado em 1550 o primeiro volume, que apresentava relatos de explorações realizadas na África e na Ásia, além das cartas de Vespúcio e a relação de Antonio Pigafetta sobre a circunavegação empreendida por Magalhães; posteriormente, em 1559, seria divulgado o segundo volume, reservado também para textos referidos às partes orientais do mundo. Encerrando a magna coleção, este terceiro volume, “no qual se inclui a navegação ao novo mundo”¹ estava dedicado integralmente ao continente americano. Publicados pela casa de Tomasso Giunti, os relatos estavam ilustrados por uma série de mapas feitos por Giacomo Gastaldi, um dos mais notórios cosmógrafos da República veneziana.

A obra de Ramusio e as reflexões cartográficas de Gastaldi estavam inseridas em um particular contexto cultural, já predisposto a receber e propulsar as informações acerca dos confins do orbe que circulavam pelas cidades do Ocidente europeu. A arte cartográfica veneziana, que continuava florescendo, oferecia uma clara evidência dessa dedicação constante. Desde o século XIII, a elaboração de cartas, mapas e portulanos fora consequência direta da posição hegemônica de Veneza no mundo mediterrâneo, dos seus vínculos com Bizâncio e dos seus interesses mercantis em terras longínquas. Mapear as rotas de navegação regionais e a própria topografia insular – por motivos militares, para construir mais adequadas defesas contra ataques inimigos, ou pela delicada situação hidrográfica, que favorecia as cíclicas enchentes – tinha se estabelecido como uma necessidade vital para a existência da cidade. Esses motivos práticos, por outra parte, estavam associados a uma longa

¹ No original: “nel quale si contiene la navigatione al mondo nuovo” (RAMUSIO, 1556, p. XIII, tradução nossa).

tradição especulativa, que havia instaurado nos círculos intelectuais do Vêneto uma já consolidada inclinação pelo estudo da filosofia e da cosmografia, e pela ampliação e circulação dos conhecimentos geográficos. Um exemplo disso, entre outros vários, é a atenção destinada à *Geographia* de Ptolomeu, que, já conhecida via Constantinopla na Florença dos inícios dos 1400, teve sua *editio princeps* em Vicenza em 1475, e foi profusamente estudada, já em vernáculo, em toda a região ao longo do século XVI.

Esse estudo, que também remetia às cartografias alexandrinas, árabes e bizantinas, levava a confrontar os saberes do passado com as informações que davam conta do Mundo Novo. Na primeira metade desse século, em várias outras cidades (como Roma, Cracóvia ou Estrasburgo) eram publicadas novas edições da *Geographia*, que tentavam ajustar tais passados com esse presente, com a intenção de obter uma representação mais acurada do orbe. Em Veneza, houve uma versão em 1511, editada por Bernardus Sylvannus. Em 1548 e em 1561 (ou seja, pouco antes e pouco depois da aparição dos volumes de Ramusio), foram publicadas outras duas edições, respectivamente as de Andrea Mattioli e de Girolamo Ruscelli. Na primeira delas, a reprodução de mapas ptolemaicos é acompanhada de novas cartas desenhadas por Gastaldi (sete das quais eram do Novo Mundo), além de um mapa de hemisfério duplo, que ilustrava todas as partes habitadas do planeta (COSGROVE, 1992, p. 72).

Multiplicados pelas gravuras, mapas de todo tipo, em versões avulsas ou fazendo parte de panorâmicos atlas e *isolarios*, atendiam um número cada vez maior de consumidores, que alavancam uma indústria editorial cuja cadeia produtiva era completamente veneziana e definitivamente cosmopolita. Em meados do século XVI, enquanto se configurava uma nova ordem mundial marcada pela expansão dos impérios ibéricos e uma ativa participação francesa e inglesa em assuntos oceânicos, parecia corresponder a Veneza uma dupla condição, contraditoriamente periférica e central, na geopolítica planetária. De uma parte, uma marginalidade crescente, fatalmente dada a partir da conquista otomana de Constantinopla e da consolidação dos circuitos atlânticos de produção e de poder; estava claro que o Palácio dos Doges já não era, nem voltaria a ser, “o edifício central do mundo”, conforme a célebre definição de Ruskin.² E, no entanto, da outra parte, uma centralidade dada

² No original: “the central building of the world” (RUSKIN, 1851, p. 24, tradução nossa).

pelo fato de ser um dos mais importantes focos europeus de produção editorial, fonte de saberes que se disseminam por todo o Ocidente. Era em Veneza, esse enclave cada vez mais oriental, onde se multiplicavam e se popularizavam livros, mapas e gravuras que veiculavam e respondiam às novas interpretações do real que o surgimento da quarta parte do mundo tornara prementes, e que impulsionavam a irradiação das percepções do homem, do espaço, do orbe e do cosmos geradas pelo pensamento renascentista.

A obra de Ramusio exemplifica essa distinta vocação de colher, interpretar e representar saberes dispersos através de tratados e mapas que viessem a atualizar as noções então vigentes sobre a geografia universal e os povos que a habitavam. Na república veneziana das letras, esse trabalho de compilação e sistematização se aplicava também aos conhecimentos históricos e filosóficos, cuja difusão promovia intensos debates relativos às funções do discurso historiográfico e aos modelos de pensamento consagrados pela tradição. O profuso neoplatonismo e a reivindicação dos estudos herméticos, o entendimento das harmonias universais e suas incidências nos modos de vida das sociedades, o culto à medida e à proporção que deviam reger todas as coisas instauravam na aristocracia dos *letterati* da cidade o desejo, e também a confiança, na *renovatio mundi* (TAFURI, 1995, p. 136). Uma renovação que haveria de ser universal, como já anunciava a emergência no horizonte de um Mundo Novo, mas que também teria de incidir nos destinos da República e no papel que lhe corresponderia desempenhar no marco do sistema-mundo que estava sendo desenhado. Esse clima de expectativas e projeções, atravessado por um utopismo enciclopédico e promissor, teria uma das suas mais concretas expressões na criação da Accademia della Fama, instituída na mesma década da publicação das *Navigazioni et viaggi*.

Fundada por Federico Badoer em 1557, a Accademia reúne os mais destacados intelectuais do patriciado veneziano: Domenico Venier, Bernardo Tasso e seu filho Torquato, que depois escreveria o épico *Gerusalemme liberata*, o vitruviano Daniele Barbaro, o compositor Gioseffo Zarlino, Francesco Patrizi, que anos antes já havia escrito *La città felice*, um dos exemplos mais emblemáticos da fantasia utópica renascentista, e dezenas de outros membros, entre os quais naturalmente também se encontravam o *Segretario* da República, Giovanni Ramusio, e o cartógrafo Giacomo Gastaldi. Como a pioneira Accademia neoplatonica que Marsilio Ficino criara no Quattrocento florentino, e as posteriores

Accademia degli Inflammati de Padova e a Accademia Vitruviana de Roma, o sodalício veneziano se situava na interseção da vida ativa com a vida contemplativa. Seu objetivo era servir de foro para interpretar e divulgar um *Thesaurus sapientiae* da época, esse conjunto de obras, autores e autoridades que nutria a imaginação humanista, e norteava suas relações com os passados e suas visões do futuro. Como informa um dos seus integrantes, Girolamo Molino, o propósito do grupo consistia em

pôr as mãos assim nos livros de filosofia, como de outros assuntos, e não só para purgar aqueles de erro infinito e de equívocos, que na verdade provocam muito dano aos estudiosos, mas para dotá-los juntamente de muitos registros e discursos úteis, e depois traduzi-los para várias línguas, para aparecer na mais bela impressão em papel que tenha sido já vista. (MOLINO *apud* MORAES, 2004, p. 112, tradução nossa).³

Tratava-se de um projeto aristocrático mediado pela comunidade de pares que talvez sonhassem restaurar uma Idade de Ouro futura baseada na elevação espiritual e no governo dos cidadãos sábios. Reunir todo conhecimento disponível e educar o estadista, potencializar o papel da República no contexto internacional e promover as virtudes cívicas eram os ambiciosos objetivos declarados no seu estatuto, além de fundar um igualmente ambicioso projeto editorial em língua italiana na cidade que cultuava a bibliofilia e as novidades. Sob os auspícios da Fama, a deusa de muitas línguas e de muitos olhos e ouvidos, a intenção era comentar, corrigir, atualizar, traduzir, publicar e republicar fontes de conhecimento autorizadas e heterodoxas, antigas e contemporâneas. Da hidráulica à teologia, da geometria à geografia, do direito à história, da literatura ao ocultismo, da medicina à filosofia, da política à teoria musical, da história natural à oratória, da filologia às artes, da física à arquitetura, parecia não haver saberes ausentes na audaciosa proposta.

No frontispício de cada volume, a figura da Fama, com suas asas abertas, exibia o lema da entidade, “Io volo al cielo per riposarmi in

³No original, Molino escreve: “metter le mani così nei libri di Filosofia, come di altre facultà, e non solo purgar quegli degl’infiniti errori e incorrezioni, che nel vero portano seco attorno con molto danno degli studiosi, ma farli insieme con molti utili annotazioni e discorsi, e scolii, e tradotti appresso in diverse lingue, uscire in luce nella più bella stampa e carta che si sia ancor veduta”.

Dio”.⁴ A seus pés estava a Terra, redonda e menor, como se fosse um ponto de apoio para ascender aos céus (CORWIN, 2008, p. 26). As reuniões aconteciam no Palácio Badoer, e depois na Biblioteca Marciana, cuja entrada estava adequadamente decorada por uma alegoria de *La Sapienza*, realizada por Tiziano. O programa editorial apontava à publicação de mais de trezentos títulos, mas somente uns quarenta seriam editados. Criada em 1557, as urgências do presente fizeram que a Accademia fosse dissolvida cinco anos depois. A falência do seu fundador, as pressões contrarreformistas emanadas de Roma e de Trento, a cisão cada vez maior entre os campos intelectuais católicos e protestantes, e as disputas políticas locais foram os fatores que conspiraram contra a continuidade do projeto.

Contudo, mesmo na sua existência truncada e efêmera, a Accademia ilustrava, tanto quanto as *Navigazioni* de Ramusio, a amplitude dos horizontes que sustentavam o ambiente cultural veneziano em meados do século XVI. Nessa particular conjunção histórica, a Veneza da Accademia, a Veneza de Ramusio e Gastaldi, era também o cenário de atuação de grandes figuras das letras e das artes como Pietro Bembo, Tiziano ou Tintoretto. Epicentro da região do Veneto, a cidade era o núcleo de um campo gravitacional em que convergiam novas e perduráveis percepções: na Padova universitária, o corpo humano era redescoberto como máquina anatômica, e a história natural era transformada em laboratório de experimentações; na Vicenza de Antonio Pigafetta, as reinvenções palladianas dos cânones e medidas clássicos começavam a dominar a paisagem, já idealizada pelos desenhos e perspectivas exaltados pela tratadística.

Essa era a Veneza que nesse momento se transformava também em teatro das grandes representações sobre o Novo Mundo. Aberta a todas as influências, resultado da superposição de todos os passados mediterrâneos e orientais que até hoje modelam sua fisionomia, Veneza e a heterogênea sociedade dos venezianos, que desde seus primórdios tinham atrelado seus destinos aos deslocamentos marítimos, testemunhavam agora nas páginas de Ramusio a materialização de outros mares e de outros mundos ainda mais heterogêneos e diversos.

Produto de um contexto cultural propício e das inquietações daquele momento histórico, o projeto de Ramusio estava muito longe de

⁴ Tradução nossa: “Voo em direção ao céu, para repousar em Deus”.

ser visto como mera excentricidade de um colecionador de novidades. A coletânea de crônicas e de mapas surgia, como vimos, a partir de uma série de predisposições e inquietações venezianas e europeias que, em plena expansão atlântica, apontavam a mapear o espaço global e a definir as medidas da ordem cósmica.

Antes disso, várias e cada vez mais detalhadas representações cartográficas do Novo Mundo tinham sido elaboradas, e muitas cartas e relações da conquista tinham sido traduzidas, publicadas e lidas com enorme interesse. Já em 1493, por exemplo, as primeiras cartas de Colombo circulavam profusamente, e até 1500 já haviam sido publicadas 17 edições delas em espanhol, latim, italiano e alemão. Em meros 5 anos a partir da sua primeira aparição, em 1503, *Mundus Novus*, de Vespúcio, teve mais de 25 edições. Da mesma forma, desde as viagens colombinas, já se multiplicavam as cartas geográficas, cuja constante produção iria refletindo com celeridade as notícias relativas ao surgimento de novas terras. Ao longo da primeira metade do século XVI, à medida que novos textos eram disponibilizados, esse processo tende a se intensificar cada vez mais. Contudo, até esse momento, não havia nenhuma coleção que, reunindo esses documentos e descrições avulsas, fosse tão abrangente quanto a apresentada por Ramusio. Em 1556, em Veneza e quiçá em toda Europa, não parecia haver instrumento mais preciso do que as *Navigazioni et viaggi* para calibrar os conhecimentos geográficos e historiográficos disponíveis acerca do Novo Mundo.

É verdade, no entanto, que não era a primeira coletânea que articulava diversas fontes e referências sobre a quarta parte do mundo. Três notórios antecedentes tinham cumprido já a mesma função unificadora e enciclopédica. O primeiro foi as *Decadas de Orbe Novo*, de Pietro Martire d'Anghiera.⁵ Redigidas a partir de 1494 e publicadas em forma paulatina desde 1511, as *Décadas* transcreviam, como mencionamos antes, depoimentos diretos de navegantes e conquistadores que o autor conheceu pessoalmente, e comentavam textos que iam se tornando públicos na época. Pietro Martire se transformava, assim, em testemunha privilegiada das notícias do mundo. Encarnava por antonomásia a figura

⁵ Em Veneza, fora publicado em 1504, sem sua autorização, o pequeno *Libretto de tutta la nauigatione del Re de Spagna de le isole et terreni nouamente trouati*. No folheto apareciam traduzidas em dialeto veneziano várias cartas em que Pietro Martire se referia às três primeiras viagens de Colombo.

do *terceiro*, o “testis” que permanece na etimologia dessa palavra: aquele que sem estar diretamente envolvido em disputas ou antagonismos, e sem ter participado das ações descritas, torna-se capaz de construir através de posturas divergentes um relato coerente e unificador. Assim, Pietro Martire recolhia as versões, escutava, transcrevia, traduzia; enquanto isso, formulava as perguntas prementes que esclareciam os pontos obscuros ou completavam alguns dos tantos vazios que os depoimentos deixavam. Formulava perguntas pessoalmente (a Colombo e ao seu filho Diego, a Fernández de Oviedo, entre tantos outros) ou interpretando as cartas que recebia (de Nuñez de Gamboa, de Pedrarias Dávila, de Hernán Cortés, entre tantos outros). Finalmente, escrevia. Enquanto recebia as informações, comparava, opinava, comentava; às vezes exagerava, entrava em contradição ou se enganava. Com todas as versões, redigia sua própria versão. Dessa forma, a testemunha passava a ser também o primeiro grande historiador do orbe novo.

Contando com tão valiosas informações, Pietro Martire escrevia cartas para os humanistas que, como ele, faziam parte dos círculos de poder religioso e temporal nas cortes italianas e ibéricas. O volumoso *Opus epistolarum*, publicado postumamente em 1530, registrava mais de 800 cartas que se referiam aos mais diversos acontecimentos políticos e religiosos daqueles tempos. Dessas cartas, 51 se ocupavam parcial ou integralmente do Novo Mundo. Tanto quanto as *Décadas*, o epistolário fornecia uma matriz indispensável para entender como ia se configurando esse outro orbe ocidental na imaginação europeia nos três primeiros decênios da conquista. Nas suas páginas se confrontavam os fatos novos com os mitos e saberes estabelecidos da Antiguidade, e conviviam dados precisos com fantasias improváveis ou impossíveis.

Repassar todas as notícias, não deixar nada sem comentar, não esquecer nenhum depoimento, mesmo que parecesse inverossímil, pareciam ser os imperativos que guiavam o autor das inesgotáveis *Décadas*. Esse seu poder de grande intermediário dos fluxos de informação lhe outorgava na época uma centralidade absoluta nos assuntos do Novo Mundo, mas, ao mesmo tempo, marcava os limites de uma escrita que precisava erigir a primeira pessoa, e sua própria figura do autor, como fontes de validação do relato. Assim sendo, nem as *Décadas* nem as cartas de Pietro Martire eram exatamente uma coleção de crônicas como a de Ramusio. Essa, por sua própria natureza compilatória, evocava uma polifonia dada pela presença integral dos textos que a compõem e permitia

estabelecer, pelo menos em princípio, uma relação direta entre o leitor e as crônicas. As mediações de Ramusio, o compilador, se limitavam a introduzir e comentar, para depois ceder a palavra a cada protagonista, sem interferir na composição das narrativas.

Essa precisamente era a estrutura de uma obra que costuma ser considerada como a precursora mais antiga da coleção de Ramusio. Em 1507, apenas três anos depois da furtiva publicação veneziana do *Libretto* de Pietro Martire, aparecia, em Vicenza, *Paesi novamente ritrovati*,⁶ atribuído a Fracanzano da Montalboddo. A coletânea inaugurava um gênero – a *Raccolta* – que terá vida longa nas letras da Europa Ocidental. As coleções de narrativas de viagem ultramarinas cumpriam a partir do *Paesi...* três funções primordiais: divulgavam um repertório de revelações, porque mesmo as crônicas que já tinham circulado antes haviam surgido como revelação e epifania; operavam como arquivo de documentos, porque ajudavam a conservar na memória esse catálogo de revelações; e confirmavam que a expansão atlântica não era nem seria somente uma aventura de navegantes destemidos, mas um projeto de longo alcance e de grandes consequências para a geopolítica planetária.

Paesi novamente ritrovati consta de seis livros. Sua temática não se limitava ao Novo Mundo, já que incorporava as viagens de Alviso da Cà da Mosto e as de Pedro de Sintra pelas costas africanas e de Vasco da Gama pela Índia, entre outras fontes lusitanas. Essa forte presença das crônicas dos navegantes portugueses era confirmada com a inclusão dos primeiros relatos que anunciavam a chegada ao Brasil. A célebre *Relação do piloto anônimo*, atribuída ao escrivão da armada de Cabral, João de Sá, de capital importância para a historiografia colonial brasileira, aparece publicada pela primeira vez na coleção de Montalboddo. Também se encontram as narrativas das viagens colombinas (provavelmente extraídas das versões do *Libretto*), a carta da terceira viagem do já famoso Vespúcio e a relação das expedições de Alonso Niño e Yañez Pinzón pelas costas sul-americanas. A coleção estava fadada a ter uma enorme repercussão;

⁶ O título completo era *Paesi novamente ritrovati & Novo Mondo da Alberico Vesputio, Fiorentino intitolato*. Nesses anos, o cosmógrafo veneziano Alessandro Zorzi também compilava uma *Raccolta Alberico*, que foi apenas parcialmente editada. O manuscrito, que se conserva na Biblioteca Nacional de Firenze, é também considerado um dos precursores do projeto ramusiano.

dezenas de edições em várias línguas do *Paesi* estariam circulando nas décadas seguintes (HORODOWICH, 2018).

Amparada por esse sucesso, e respondendo a uma sempre crescente e já consolidada devoção pela literatura de viagens, outra coleção viria a ampliar a tarefa de divulgação tão proveitosamente iniciada. *Novus Orbis Regionum*, organizada por Johann Huttich e prefaciada por Simon Grynaeus, aparece em Basileia, em 1532. O repertório estava formado por muitas das crônicas já publicadas por Montalboddo, junto com o *Livro das maravilhas* de Marco Polo e a quarta *Década* de Pietro Martire. Embora as crônicas fossem já conhecidas do público, a coleção é importante por ser a primeira preparada nos centros editoriais da Europa protestante, e por estar acompanhada de um singular mapa, atribuído ao erudito cosmógrafo Sebastian Münster e ilustrado por Hans Holbein.

Essa atribuição e essas ilustrações tornam memorável o mapa denominado “*Typus Cosmographicus Universalis*”. Na parte superior e inferior do seu eixo central, dois anjos comandam as rotações do planeta, como se anunciassem as teorias que Copérnico estava formulando acerca dos movimentos dos astros.⁷ Em cada extremo se exibem alusões aos quatro continentes; no inferior esquerdo, que corresponde à América, aparecem cenas de canibalismo. Monstros marinhos atravessam as águas e uma solitária e imponente embarcação ocupa o centro do Atlântico. Em termos cartográficos, a representação do continente americano, que se tornará mais precisa em edições sucessivas do mapa, é ainda bastante embrionária. Além das crônicas publicadas por Huttich, o cosmógrafo deve ter utilizado como referência o mapa de Waldseemüller, conforme evidencia a fina silhueta do continente ocupando uma posição periférica e menor em relação à importância dada às outras três partes do mundo.

A América surge como uma massa contínua, nomeada “Terra Nova” no sul, com as costas do Brasil em situação proeminente, e “Terra de Cuba” no norte, configurando uma fragmentada faixa costeira localizada entre o arquipélago das Antilhas e Cipango (“Zipangri”). São quase inexistentes os topônimos e não há nenhum acidente geográfico (enquanto na Ásia e na África se detalham bacias hidrográficas e cadeias montanhosas) nem particularidades identificadas. A Terra Nova, salvo pela menção aos *canibali*, continuava sendo uma terra incógnita no mapa

⁷ *Das revoluções das esferas celestes*, de Nicolás Copérnico, foi publicado em Nürenberg, em 1543.

de 1532, que parece anacrônico quando comparado, por exemplo, com o mapa de Diogo Ribeiro, muito mais preciso e recheado de topônimos, elaborado em 1529.⁸

Assim, tanto pelas crônicas compiladas quanto pelo mapa de Münster que as acompanhava, a coleção de Huttich se limitava a elencar fontes que já não refletiam, nesse momento, o verdadeiro estado do conhecimento sobre o Novo Mundo que circulava nas esferas de saber europeias. Esse não será o caso das *Navigazioni et viaggi*, que, duas décadas mais tarde, virá a oferecer, mesmo com suas omissões, anacronismos e descompassos, um panorama muito mais completo e atualizado sobre o continente americano.

Dois anos após a publicação do *Novus Orbis Regionum*, Ramusio iniciava a tarefa de compilar, traduzir e divulgar documentos sobre o novo continente, que haverá de conduzir ao vasto projeto das *Navigazioni et viaggi*. Em 1534, aparecia em Veneza a compilação intitulada *Libro primo della Historia de l'Indie Occidentali*, *Libro secondo delle Indie Occidentali* e *Libro ultimo del Summario delle Indie Occidentali*. Essa incipiente coleção incluía as três primeiras *Décadas* (com interpolações e traduzidas livremente) de Pietro Martire, o *Sumario de la natural historia de las Indias*, de Gonzalo Fernández de Oviedo, editado em Toledo em 1526, e uma crônica anônima e recentíssima sobre a conquista do Peru atribuída a um “capitano spagnuolo”. Os textos eram acompanhados por dois mapas, um da “Isola Spagnuola”, o primeiro território a ser ocupado nos albores da colonização. O outro, o chamado “mapa Ramusio”, mostrava os contornos em traços firmes das costas atlânticas do continente, identificado como “Mondo Nuovo”. Sem incluir muitas informações sobre a *terra ferma*, e representando a península de Yucatan como ilha, o mapa aportava um esboço ilustrativo e hipotético, que, para iluminar as rotas de navegação, inseria indicações, latitudes e longitudes, tomadas das cartas e informes dos navegantes precedentes.

Esses mapas e as crônicas que conformam o *Libro* obedeciam a uma dinâmica de intercâmbios e colaborações que seria vital para a concretização da antologia apresentada por Ramusio. Figuras do seu círculo, como o enviado da República na corte espanhola Andrea Navagero, o humanista Pietro Bembo, o médico Girolamo Fracastoro ou

⁸ Ver o volume 3, *Cartography in the European Renaissance*, editado por David Woodward (2007).

Fernández de Oviedo, além de muitos outros correspondentes, forneceram as informações, os documentos e as curiosidades que o colecionador reunia, estudava e dava a conhecer. Com seu domínio de várias línguas e sua erudição em matéria dos antigos e dos modernos, Ramusio era já nos anos 1530 um grande especialista em literatura de viagens, e inclusive investia na exploração econômica das rotas entre Veneza e as Antilhas. Seus múltiplos intercâmbios epistolares, os convívios oferecidos pela vida comercial e cultural veneziana e seu escrupuloso estudo das fontes disponíveis já anunciavam um *modus operandi* de recepção, comparação, seleção e translação de textos impressos e informes orais que, ao longo das duas décadas seguintes, haverá de se condensar e adquirir suas mais completas formas e resultados nos três volumes da sua coleção.

Se *Navigazioni et viaggi* é herdeiro direto das *raccoltas* de Montalboddo, de Huttlich e do inaugural *Libro* do próprio Ramusio, por outra parte, a coleção publicada durante a década dos 1550 apresenta algumas características que claramente a diferenciam das suas precursoras. Antes de tudo, suas dimensões e sua abrangência, como já dito, nesse momento, a consagravam como referência obrigatória em assuntos ultramarinos. Não se tratava de uma *selecta*, como o *Libro*, nem era uma miscelânea de crônicas dispersas, como a de Huttich. Os três volumes da coleção vinham a concentrar, em um único monumento bibliográfico, o registro dos extraordinários acontecimentos que tinham redesenhado definitivamente as formas do mundo conhecido. Fruto de uma vida inteira de investigações, e da síntese de uma multiplicidade de memórias e saberes reunidos em um único arquivo, as *Navigazioni et viaggi* conformavam uma constelação de documentos, articulados pelo Discurso inicial e as notas explicativas do compilador, que já evidenciavam uma devoção filológica pela letra, um candor humanista por compreender o tempo presente e uma urgência política por repensar os destinos venezianos à luz das novas realidades.

Coletando saberes, coordenadas e testemunhos relativos a todas as rotas orientais e ocidentais abertas pelas navegações, a coleção tinha por foco as viagens realizadas no decurso compreendido entre as últimas décadas do século XV e o presente. Havia, contudo, várias exceções a essa regra, como a descrição das incursões do cartaginês Aníbal pela África, a navegação de Iambolo, “mercatante antichissimo” mencionado por Diodoro Sículo, as narrativas de Marco Polo, os relatos sobre a Pérsia,

a Índia e a China de Odorico de Pordenone ou a quiçá apócrifa relação de Zeno sobre o Atlântico Norte. De toda forma, o marco temporal ao qual pertencia a ampla maioria das crônicas decerto enfatizava essa dedicação em registrar primordialmente as grandes transformações consideradas recentes ou contemporâneas.

E assim Ramusio, que nunca atravessara os oceanos, revelava em seu gabinete a versão mais atual do orbe. A sua coleção não era um sortido florilégio dos deslocamentos planetários, como a de Montalbodo, nem uma heterogênea história das explorações humanas, como o *Tratado*, conhecido posteriormente como *Livro dos Descobrimentos*, que estava escrevendo nesses anos o português Antonio Galvão. O veneziano apresenta uma sucessão coerente e enciclopédica de crônicas e mapas que permitiam ao leitor comum ter – talvez pela primeira vez – uma visão geral do orbe em que vivia, tal como vinha sendo desvendado ao longo das últimas décadas. Uma visão sistemática, unificada por uma língua e uma cronologia; uma visão extremamente mais complexa que a anterior vigente, que obrigava a revisar os pressupostos ptolemaicos e os saberes instituídos pela tradição geográfica, a reinventar os saberes sobre o mundo natural e a reescrever, a partir de vários pontos de vista, a história da cultura ocidental.

Referências

CORWIN, Lucile. Introduction. In: _____. *Le Istitutioni Harmoniche of Gioseffo Zarlino, Part I: A translation with introduction*. New York: The City University of New York, 2008. p. 23-33.

COSGROVE, Denis. Mapping New Worlds: Culture and Cartography in Sixteenth-Century Venice. *Imago Mundi*, [S.l.], v. 44, n. 1, p. 65-89, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1080/03085699208592741>.

HORODOWICH, Elizabeth. *The Venetian Discovery of America. Geographic Imagination and Print Culture in the Age of Encounters*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/03085699208592741>.

MORAES, Helvio. *A cidade feliz: a utopia aristocrática de Francesco Patrizi*. *Revista Morus*, Campinas, v. 1, p. 103-128, 2004.

RAMUSIO, Giovanni Battista. *Delle Navigationi et Viaggi*. Veneza: Giunti, 1556. Versão fac-similar da Universidade de Heidelberg. Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ramusio1556bd3/0014>. Acesso em: 20 set. 2020.

RUSKIN, John. *The Stones of Venice*. Boston: Estes and Lauriat, 1851.

TAFURI, Manfredo. *Venice and the Renaissance*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

WOODWARD, David (ed.). *Cartography in the European Renaissance*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. (The History of Cartography, v. 3).

Recebido em: 3 de outubro de 2020.

Aprovado em: 15 de fevereiro de 2021.